

escrita encharcada pelo mar; obscena ao sol

edson lopes *

Pedro Juan Gutierrez. *Trilogia suja de Havana*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1999, 358 pp.

Pedro Juan Gutierrez. *O rei de Havana*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2001, 224 pp.

Pedro Juan Gutierrez. *Animal tropical*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2002, 375 pp.

Na literatura interessa a fragilidade da criação literária, que provém do inesperado, desviando-se dos padrões, das imitações, dos modelos e das colocações dos best sellers. Trata-se de uma outra possibilidade, aquela que privilegia o improvável. *Trilogia suja de Havana*, *Animal tropical* e *O rei de Havana*, três livros que se remetem, comunicam-se, inacabados, um apêndice do outro, trêmulos em carne crua. São três atrevimentos do autor em criar seu próprio espaço, são experimentações de liberdade quando o ambiente em torno é decisivo, fosse Havana ou Estocolmo. Portanto, escrever é um processo avesso à formalização, apresenta-se como fuga, furta-se a reivindicar um estado de coisas, mais uma zona de singularidade, ou aquilo que quer abeirar-se de espaços próprios de singularidades.

“Conseqüentemente minha vida é uma perpétua experimentação entre o nada e o nada. Às vezes, a experimentação se torna tensa e brutal. Não consigo separar artificialmente o que faço e penso daquilo que escrevo” (AT. p.17).

* Estudante de Ciências Sociais, PUC-SP e integrante do Nu-Sol.

A literatura, no entanto, não é o vivido, nem o vivível; passa, atravessa a vida, fabula-a sorvendo a proximidade de alguns de seus objetos, gostos, porém não lhe reconhece o rigor e nem lhe imprime uma forma em que todo o vivível opera. Aqui, o escrito não retém uma matéria vivida. Conhece-a pela proximidade, pela aventura a que se entregou de passagem. Pedro Juan escreve sobre o que viveu? Serão os seus contos uma autobiografia? Exercícios de memória? Verdade, ou mentira? A memória como máquina seletiva abrevia tempos, deforma espaços; não se escreve sobre o que viveu. A memória é desproporcional, vem à tona em súbitos descompassos, quase desobedecendo a vontade. Retém uma parte ínfima da vida vivível. O tempo da vida vivida e o tempo de vida armazenado na memória, mantêm-se sob relação desproporcional. A restituição de uma realidade, tal como ela existiu é impossível. O livro é uma ficção, escrever é autorizar um conflito desproporcional entre a fabulação e o seu confuso convívio com a matéria vivida. O que pode a memória? Pode com toda certeza manter constante o esquecimento, como máquina singular que se lhe associa sem contradizer. A vida seria impossível com uma memória intensa e completa, como também seria impossível vivê-la.

Será a escritura em primeira pessoa, em *Animal tropical* e *Trilogia suja de Havana*, um documento, vivência real, testemunho? Escrever a vida a tomaria por completo. Todas as três obras, ficções. A primeira pessoa não é Pedro, não se identificam, não são os mesmos; mas, definitivamente se encontram, se conhecem, são escrituras de um e de outro. O rei de Havana é uma ficção, Pedro-narrador é uma ficção. Segundo Deleuze a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu. Para tanto, a literatura não imagina, nem projeta um eu, atinge visões, fabulações, eleva-se até devires e potências¹.

O próprio Pedro Juan afirma não saber o que em seus romances são verdades ou mentiras. Haver mentiras não faz dos romances meras falsidades, as palavras inventadas não estão para o engano dos outros, mas para intensificar acontecimentos e invenções que estão entre a vida. No meio de Havana-sedutora, Pedro, Estocolmo-amolecimento, Malecón, negras putas, sujeira, brutos sexos, merda, balsas, Miami-bússula-norte, suores, perlotas, misérias, orixás, sarnas, turistas, negras, rum, contrabando mulato, ...

“No meio da derrocada, as pessoas riem, sobrevivem, tentam viver o melhor possível, e aguçam seus sentidos e seus olfatos, como fazem os animais mais frágeis e diminutos, que aprendem a concentrar energia e desenvolver diversas habilidades porque sabem que nunca serão grandes, fortes e vencedores” (TSH. p. 297).

Não-históricos, os livros e vidas que se fazem no transbordar das palavras. Ambos passam por todos os componentes e condições dos trinta e cinco anos de construção do homem novo, do socialismo cubano, do bloqueio, mas se desviam, dirigem-se a outros espaços e importâncias. Isto não é história. É revolver merda, fragilizar-se, criar vida.

“Sou um revolver de merda. E não é que eu esteja procurando alguma coisa na merda. Geralmente não encontro nada (...) Não procuro nada e não encontro nada. Portanto, não posso demonstrar que sou um tipo pragmático e socialmente útil. Só faço como as crianças, que cagam e depois brincam com a própria merda, comem e se divertem até que chega mamãe, tira eles da merda, dá banho, perfuma e ralha com eles, dizendo que não podem fazer aquilo.” (TSH. p.101).

Para Pedro Juan a vida é mais complexa que a literatura, porém menos intensa. Esta deve exceder em velocidade para manter a tensão, para não se abeirar de uma viagem sonolenta e aborrecida em que apenas

Escrita encharcada pelo mar; obscena ao sol

se distrai. A intensidade, excita; esfola o autor que apenas senta e escreve com as tripas e com as entranhas, manchando o papel de sangue ao mesmo tempo em que fabula em sexo, misturando andanças vertiginosas. Mas tudo é real, porque lhes é dada uma escrita e viram manchas. Mesmo que o editor e o leitor não entendam o descuido, as excreções e a sujeira. Os entendimentos ordinários são cúbicos, prevêem.

Nota

¹ Ver Gilles Deleuze. “A literatura e a vida” in *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1997.